



PRISIONEIRO DO SILÊNCIO: LIVRO REPORTAGEM SOBRE A COMUNICAÇÃO RELEGADA ¹

Universidade de Cuiabá- UNIC

Célia Mota²

Juliana Velasco³

Sérgio Maiolini⁴

RESUMO

A construção da notícia é a mesma utilizada para produzir um livro-reportagem: pauta, extensa pesquisa, entrevistas e documentação abundante a fim de mostrar ao leitor uma narrativa envolvente e idônea. Nesse sentido, este trabalho discute todas essas fases necessárias para construir um livro-reportagem sobre surdos, denominado “Prisioneiros do Silêncio”. Na etapa de revisão de literatura, foi necessário abordar duas temáticas centrais, linguagem do jornalismo literário e Língua Brasileira de Sinais (Libras). A primeira, por permitir maior liberdade na escolha do tema, tempo, espaço e da narrativa (formal ou coloquial). Já a segunda, por elucidar o universo dos atores desta pesquisa exploratória. Ao todo, foram eleitos três personagens dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso para compor a obra. A coleta de dados vai ser finalizada no segundo semestre de 2011. O livro-reportagem que se discute aqui é do subgênero retrato e será analisado com técnicas qualitativas e quantitativas. Este estudo espera contribuir com discussões em torno das produções especializadas no âmbito das escolas de Comunicação. Ressalta ainda a comunicação entre falantes (ouvinte e surdo) e as dificuldades ou ruídos de um diálogo entre emissor e receptor na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Reportagem. Livro- reportagem. Surdez. Libras. Jornalismo Literário.

INTRODUÇÃO

Reflexão e valor documental são características fundamentais de uma reportagem. Esse gênero jornalístico tem a função de transmitir determinada informação de maneira

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces comunicacionais - XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste– Cuiabá – MT - 8 a 10 de junho de 2011.

² Estudante do 7º semestre da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Cuiabá – Unic.

³ Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduada em Jornalismo. Atualmente compõe o quadro de docentes e coordena o grupo de pesquisa (Edcom) da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Cuiabá – Unic.

⁴ Especialista em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira (Libras) e Educação Especial, bacharel em Administração de Empresas, intérprete da Unic e professor substituto de Libras na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).



prática e precisa sobre fatos, amparados pelos tripés da apuração, pesquisa, entrevista, checagem e re-checagem. Espera-se que a mensagem transmitida seja de alta fidelidade e que represente de forma inquestionável as ideias, aspirações e dúvidas apresentadas no texto ou discurso. Caso contrário, pode haver distorções e erros de interpretação que comprometam o objetivo da mensagem, provocando o que os comunicadores costumam chamar de ruído⁵.

Não há como falar desse conceito sem que se fale em fidelidade. São sentidos opostos, mas dependentes. Eliminar imprecisões ou incoerências resulta em aumentar a fidelidade; assim como a produção de ruído restringe a fidelidade. Berlo (2003, p. 41) diz que parte da literatura de comunicação fala em ruído, parte em fidelidade. Seja qual for o rótulo, o problema será o mesmo. Por isso, é preciso cuidado ao transmitir uma notícia. Na ânsia de dar “o furo”, vários repórteres respeitados cometem erros, às vezes, irreversíveis.

Para que o jornalista não se envolva em situações desagradáveis, existe uma regra fundamental: apurar os fatos, ouvir várias versões da mesma pergunta e comparar respostas. Assim, a reportagem deve adotar um ponto de vista distanciado e global, além de propor questionamento sobre o fenômeno tratado. Ainda que difícil, pois é uma regra questionada por vários pesquisadores, exige-se do repórter: a imparcialidade.

Todo processo de construção da notícia se repete na produção do livro-reportagem desde a pauta até documentação sobre o assunto. É sobre esse aspecto que este estudo aponta os diversos subgêneros e as dificuldades de construir um livro-reportagem. Espera-se aprofundar o debate sobre o conteúdo e linguagem do texto literário que por sua vez é tão jornalístico, já que cumpre a função de informar, explicar e orientar. Mas por outro lado, a prática do jornalismo literário permite maior liberdade na escolha do tema, tempo, espaço e da narrativa (formal ou coloquial).

O livro-reportagem “Prisioneiros do Silêncio”⁶ mostra uma reflexão sobre a comunicação não verbal e a dificuldade em se comunicar não sendo sujeito praticante da linguagem oral e ouvinte. Por meio das histórias de vida e do olhar de três personagens distintos – uma mãe de surdo de Minas Gerais; o presidente do Centro de Surdos da Bahia (Cesba), também surdo; e um professor/intérprete de libras de Cuiabá – espera-se construir um retrato que possa delinear o panorama da comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também são mostrados preconceitos e violências que ouvintes impõem aos

⁵ É a falha na transmissão da mensagem, provocada por ideias confusas, escrita incorreta ou mesmo erros técnicos (som e imagem), no caso dos veículos de comunicação.

⁶ Produto final do projeto que está em desenvolvimento para compor a segunda etapa do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo (2011/2) exigido pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Cuiabá (Unic).



surdos a fim de forçar os mesmos a apreensão da língua falada. Além das dificuldades enfrentadas por eles no âmbito familiar e social.

Este artigo está dividido em quatro partes para melhor compreensão do leitor. A ordem dos tópicos procura seguir a própria lógica de construção do livro-reportagem. Inicialmente, conceito de reportagem, depois jornalismo literário, passando por algumas definições do subgênero livro-reportagem. Por fim, são apresentados detalhes sobre o esboço do livro-reportagem “Prisioneiros do Silêncio”, produto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-2) a ser apresentado no final de 2011, na Universidade de Cuiabá (Unic).

1 GÊNERO INFORMATIVO

Num primeiro momento, os textos foram classificados em: explicativos, opinativos, entretenimento e informativos. Hoje são divididos em narrativos, descritivos e argumentativos. Na classificação jornalística, a reportagem é rotulada como gênero informativo e quase sempre, segue as regras que enquadram esse modelo.

Adair Bonini (2006, p. 66) define que “a reportagem [...] pode se parecer com uma notícia, com um perfil ou com uma entrevista.” No entanto, vários estudiosos trazem a entrevista junto com apuração e pesquisa, como elementos fundamentais para uma boa reportagem. Isso levaria crer, segundo Campos, em matéria exibida em março de 2002 no site Observatório, que “grandes entrevistadores desenvolvem técnicas que transformam o jogo de perguntas e respostas numa espécie de xadrez, conseguindo arrancar informações que o entrevistado não pretendia dar.”

Vale lembrar-se de detalhes que garantem o sucesso da entrevista, por exemplo, atenção especial ao anotar números e nomes. Se achar necessário, deve fazer uso da gravação e ficar sempre atento às reações e preferências do entrevistado. Alexandre Garcia, também citado por Campos, diz que o repórter dedicado estuda o perfil psicológico do entrevistado a fim de saber qual atitude adotar diante dele para não se arriscar a irritá-lo, colocando em perigo o êxito da entrevista. Algo de fundamental importância para definir o sucesso ou o fracasso da reportagem.

Mas, afinal, o que é reportagem? Resumidamente, é o relato de um acontecimento importante feito por um profissional que tenha apurado os fatos relativos a ele. É o produto fundamental da atividade jornalística, o aprofundamento da notícia descrito com uma pitada de literatura, para dar ao leitor um gostinho especial ao folhear as páginas do jornal impresso ou revista saboreando os detalhes da estória, ou história. A reportagem não deve ser



confundida com a notícia, pois existem mais diferenças do que semelhanças entre ambas. Magno (2006) esclarece:

Notícia mora na superfície. Reportagem é mergulho. Notícia é seca, reportagem está impregnada com a umidade de perfumes e suores. Notícia é o olhar do repórter sobre o fato. Reportagem tem que explicar o fato, ir além dele. Notícia é urgente, rápida. Reportagem carece de tempo para apurá-la. Notícia não precisa de fotos. Reportagem casa com fotojornalismo. Notícia vem da fonte, pode ser captada através do telefone, da internet, da entrevista. A fonte preferencial da reportagem são os olhos e os ouvidos do repórter. Notícia significa conhecimento. Reportagem é um jeito de conhecer. (MAGNO, 2006, p. 20).

Pode-se dizer que a reportagem é uma extensão da notícia, mas com direito a caprichar em alguns detalhes que, para o factual informativo, seriam irrelevantes. No entanto, é justamente a riqueza de detalhes e o aprofundamento que atrai o leitor.

1.1 RELAÇÃO SENTIMENTAL ENTRE LEITOR E TEXTO

O texto de essência, informativo ou opinativo, trabalha com a motivação. Convida o leitor ao raciocínio, a desdobrar um ponto de vista ou, simplesmente, apresenta relatos profundos. E ele corresponde a todos esses estímulos no momento em que se encanta pelo desenrolar da trama ou pelos resultados de uma pesquisa. Esse indivíduo ri, chora, se enfurece, sente envergonha, fica assustado ou emocionado durante uma boa viagem literária. É impossível interromper a leitura quando o texto amarra atenção de quem o lê. No entanto, para obter essa qualidade de narrativa, conhecer o objeto a ser exposto no texto é algo imprescindível. Berlo (2003) defende que se mostre conhecimento do assunto, mas sem comprometer a estética textual.

Ninguém é capaz de comunicar aquilo que não sabe; ninguém comunica com a máxima efetividade material que não conhece. De outro lado, se a fonte sabe “demais”, se é ultraespecializada, poderá errar pelo fato de suas habilidades comunicadoras serem empregadas de forma tão técnica que o receptor acabe não entendendo. (BERLO, 2003, p. 49).

Tal observação é complementada por Bucci no artigo⁷ que escreveu para a Folha de São Paulo em outubro de 2001, quando alerta para a importância de se obter informações

⁷ O artigo “O Tolo Interativo” (2001) escrito para o jornal Folha de São Paulo, também foi divulgado no site Observatório da imprensa, no mesmo ano.



consistentes para produção textual agradável. Um texto que possa prender o leitor cada vez mais exigente e menos passivo.

De fato, reportagem bem feita mobiliza o receptor da mensagem. Orwell (2003, p. 143-150) faz isso com muita maestria em matéria-denúncia sobre a pobreza do norte industrial da Inglaterra. Para tanto, escolheu como cenário o cotidiano de uma pensão, em péssimo estado de conservação e higiene, administrada pelos Brookers, uma família de hábitos estranhamente curiosos que vivia de alugar camas para os operários, aposentados, forasteiros e desempregados ingleses. O assunto não é atual e nem seria interessante se não fosse pela riqueza de detalhes, aspecto investigativo e valor quase documental da matéria. Ele consegue ligar um parágrafo ao outro de forma que a narrativa termina sem que o leitor perceba. Esse talvez seja o segredo, costurar bem os parágrafos.

Em oposição do exemplo de Orwell (2003, p.143-150), não é raro textos tão pobremente representados - com frases confusas, ausência de detalhes ou alegações infundadas e até mesmo técnicas demais.

2 REPORTAGEM E JORNALISMO LITERÁRIO: PRIMO-IRMÃOS

Existem semelhanças entre reportagem e texto literário. Ambos caminham juntos, na mesma direção, tanto que se confundem. O jornalismo literário não consiste somente em liberdade autoral, tempo para pesquisa ou colocar as aspirações literárias na construção de um livro-reportagem.

De acordo Pena (2005, p.12) conceitos e classificações do jornalismo literário no Brasil são variáveis. Para outros pesquisadores, o gênero é definido pelo período da história, no século XIX, em que os escritores assumiram funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins.

Alguns estudiosos do assunto assimilam o gênero somente à crítica de obras literárias difundida em jornais, revistas etc. E existem aqueles que identificam o conceito como *new journalism*⁸, que começou nas redações americanas por volta de 1960.

Biografia, romance-reportagem e ficção jornalística são subgêneros do jornalismo literário. Apesar de ser bastante apreciado pelos leitores e jornalistas, o livro reportagem só

⁸Foi um movimento, manifestação ou tendência do jornalismo literário. Surgiu nos Estados Unidos e visava revigorar a prática de um jornalismo de profundidade, como ocorreu nos anos 1960-70. Época também em que surgiram grandes nomes como Truman Capote, Orwell e outros. Bruno Pessa (2010) afirma que o novo jornalismo contribuiu imensamente para o “aprimoramento da reportagem e do olhar jornalístico sobre a realidade.”



conquistou espaço no mercado brasileiro após a queda da ditadura, no fim dos anos de 1980, quando houve abertura política e instabilidade econômica. Assim, Belo (2006) contextualiza:

A redemocratização do país possibilitou a publicação de algumas obras que desvendaram os últimos anos do período militar e os primeiros da volta ao poder civil (...). Livros com esse perfil, tratando dos bastidores da polícia e das dificuldades da economia daquela época, fizeram imediato sucesso. Não só os temas, mas a maneira de explorá-los tinha um sabor de novidade. (BELO, 2006, p.53).

Aproveitar a credibilidade para produção de grandes reportagens, com material envolvente e bem amarrado, seria uma iniciativa inteligente e providencial dos veículos impressos. Esse é um assunto que vem sendo abordado por outros pesquisadores engajados na defesa da mudança de perfil dos veículos de comunicação, principalmente os impressos.

O surgimento da *internet* trouxe ao espectador a possibilidade de obter informação de forma rápida e objetiva por meio de textos curtos e atualizados de hora em hora. Mas isto não é o bastante, existem lacunas a serem preenchidas. Após se informar através da *internet*, ou TV e até mesmo rádio, o leitor fica sempre com aquele gostinho de “quero mais” e esse “a mais” pode ser oferecido pelos jornais, revistas e livros-reportagens.

De acordo com Gramacho (2009) a história dos meios de comunicação mostra que um veículo não some do mercado em função do surgimento de outro. Já Belo (2009, p. 15) alega que “jornais e, em menor grau, revistas, ainda não encontraram um caminho adequado para sobreviver na era da informação eletrônica, massificada e quase imediata.” Ele alerta para o fato de que tais veículos têm deixado de lado um dos maiores diferenciais em relação às mídias eletrônicas: a reportagem.

A concepção do jornal enxuto está banindo as reportagens das redações e as consequências são visíveis nos números das vendas nas bancas e no fechamento de vários jornais de renome e tradição nos Estados Unidos. Gramacho (2009) confirma a diminuição das tiragens:

Há já algum tempo que jornais da França, Inglaterra e Estados Unidos reclamam do aumento de seus encalhes nas bancas e a perda de assinantes. No Brasil não é diferente. A Folha de São Paulo, o título de maior circulação nacional, experimentou de 2001 a 2005, uma retração de cem mil exemplares na sua tiragem diária, que caiu de 400 mil para pouco mais de 300 mil. (GRAMACHO, p. 24, 2009).

Uma das soluções encontradas pelos veículos para contornar tal crise foi construir *sites* especializados e fazer uma versão *online* dos jornais e revistas. No Brasil essas parcerias se



mostram promissoras, a exemplo da *Folha.com*, *Veja.com*, entre outras. A evolução tecnológica permite ainda que o leitor experimente, durante a visualização *online*, a mesma sensação de estar virando as páginas de uma revista impressa. Isso garante aos mais conservadores, prazeres proporcionados pelas versões tradicionais. Assim, a *internet* passa de concorrente a parceira dos impressos. Administradores dos maiores veículos do país sabem como utilizar as novas formas de comunicação midiática para complementar e fortalecer as já existentes.

2.1 LIVRO REPORTAGEM É INFORMAÇÃO COM ARTE

Este gênero tem se mostrado uma alternativa de peso do *lide* e da pirâmide invertida. O livro-reportagem, por ser demorado e trabalhoso, é daquelas tarefas que se faz por paixão. Pois acima de ser um bom jornalista é preciso talento na arte de contar e escrever boas histórias.

Para Belo, (2009, p.16) o repórter que deseja se aprofundar em determinado assunto e não encontra abertura do jornal ou revista em que trabalha, deve se aventurar a escrever um livro-reportagem, que se mostra como uma boa alternativa para quem sabe escrever de forma atraente e se dispõe a fazer um bom trabalho de pesquisa e apuração.

O jornalismo literário não é algo novo no Brasil, pois já era um traço marcante nas escritas de Machado de Assis⁹ e Euclides da Cunha (2003), que fez da narrativa dos fatos decorrentes na Guerra de Canudos (1893-1897) uma reportagem mais humana, com detalhes de quem se envolvera na história, algo que seria inconcebível dentro das regras do jornalismo clássico. Porém, o resultado é um livro de tamanha importância que se tornou série televisiva e serve como referência de leitura e pesquisa para vários estudiosos e inspiração para diversos outros escritores.

Antes de esclarecer dúvidas de como escrever uma obra literária jornalística, é preciso entender melhor o livro, propriamente dito. O dicionário da língua portuguesa (BUENO, 2007, p. 476) define como “reunião de folhas impressas ou manuscritas em volume; obra em prosa ou verso com certa extensão”.

De acordo com as normas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) para ser considerada como livro a obra precisa conter, no mínimo,

⁹ O perfil do autor foi encontrado no site de biografias e textos @releituras, fundado por Arnaldo Nogueira Júnior em 1996.



48 páginas. No caso do livro-reportagem tais páginas devem possuir literatura não ficcional como conteúdo, ou seja, fatos e informação com viés literário.

A função do livro-reportagem não se difere da própria reportagem, entenda-se, informar em profundidade. Porém, vai além: apresenta os personagens de forma mais humanizada e conta a história dando detalhes e curiosidades que ultrapassam o jornalismo de informação factual.

Para Pessa (2009, p. 2) as peculiaridades e utilidades específicas do livro-reportagem se delineiam a partir de uma parceria com veículos de comunicação periódicos, “cuja natureza cria demandas para que se produzam livros-reportagens”.

Uma das vantagens em relação ao jornalismo convencional é que o livro-reportagem foge do factual, ele é atemporal e serve como registro histórico sobre os fatos divulgados em outros veículos.

Para entender a contemporaneidade, o livro-reportagem avança no tempo histórico, “ressuscitando” o pretérito, que ganha sobrevida e é reatualizado em seus significados. Tais procedimentos aproximam o jornalismo praticado no livro-reportagem da história, o que não acontece de forma acidental, pois o exercício do jornalismo literário estampado no suporte livro está sempre aberto ao diálogo e apropriação de recursos das ciências humanas e sociais. (PESSA, 2009, p.03)

Assim como no jornalismo convencional, para a produção do livro-reportagem é necessário alguns procedimentos como a elaboração da pauta, extensa pesquisa, entrevistas, documentação abundante e edição competente no aspecto de mostrar ao leitor uma narrativa envolvente e idônea. Também é possível classificar o livro-reportagem em subgêneros¹⁰, são eles:

SUBGÊNERO	CARACTERÍSTICAS
Perfil	Ratifica detalhes sobre o cotidiano de uma celebridade ou de personagem anônima – que pode ser representante de algum grupo social ou ter feito algo de chocante para a sociedade, ex: maníaco do parque. Este subgênero tem como variante o livro-reportagem-biografia, que enfoca mais o passado da pessoa;
Depoimento	Descreve determinado fato, relevante para a sociedade, com participação ativa de testemunha ou participante.
Retrato	Escolhe um objeto, que pode ser região geográfica, determinado segmento da economia, algum setor da sociedade e até mesmo uma instituição (pública, privada ou terceirizada) para traçar a imagem do elemento em questão através de descrições sobre mecanismos, problemas e complexidades.
Ciência	Análise ou proposta de reflexão sobre a descoberta científica, normalmente são temas específicos.
Ambiente	Defesa da ecologia. Este livro pode ser crítico no que diz respeito às atitudes humanas com relação à natureza.

¹⁰ Informações retiradas do artigo de Bruno Pessa, apresentado no Regiocom que aconteceu em junho de 2009 na Universidade Metodista de São Paulo.

História	Temas do passado e tem como variantes o livro-reportagem-empresarial, e o livro-reportagem-epopéia, que narra fatos históricos importantes como guerras, conflitos, revoluções, conflitos e guerras.
Nova consciência	Relato de novas atitudes sociais no que diz respeito ao comportamento, cultura, religião ou economia que podem resultar da aproximação às culturas orientais assim como também da contracultura.
Instantâneo ou da história imediata e Atualidade	O primeiro debruça-se sobre um fato recém-concluído cujos contornos finais já podem ser identificados; o segundo detém um tema mais importante e estável no tempo, cujos desdobramentos finais são desconhecidos. Tal livro identifica os motivos do tumulto e esboça convergências possíveis de epílogo.
Antologia	É a reunião de diversas reportagens com discernimentos distintos. As matérias podem ser agrupadas por autor, tema ou por autores diferentes, porém com mesmo gênero ou categoria.
Denúncia	Estilo investigativo e procura identificar injustiças, preconceitos e escândalos.
Ensaio	Mostra evidente presença do autor e sua opinião sobre o tema. É de característica persuasiva – tenta convencer o leitor a concordar com as opiniões do autor – e, geralmente usa a narrativa em primeira pessoa.
Viagem ou “Diário de bordo”	Impressões do autor sobre sua viagem a determinada região geográfica em vários aspectos de caráter sociológico, humano, cultural, e histórico do local. É baseado em muita pesquisa, informação análise de conflitos. Sem perder o aspecto literário da narrativa.

Quadro 1: Classificação do livro-reportagem em subgêneros

Fonte: Pessa (2009)

3 DAR VOZ A QUEM NÃO OUVI

Superar barreiras do silêncio e escrever um livro-reportagem sobre o universo dos surdos sem cair no censo comum é o desafio proposto nesta pesquisa. Realizar o livro-reportagem “Prisioneiros do Silêncio” que fala da comunicação relegada é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-2) a ser apresentado no final de 2011, na Universidade de Cuiabá (Unic). A proposta é expor este universo tão desconhecido pela maioria dos sujeitos ouvintes e falantes: a surdez.



Fig. 1: superação das barreiras do silêncio através das mãos

Na captura de boa qualidade literária foram selecionadas histórias de vida. Alguns personagens servirão de fio condutor das informações e teorias expostas no livro. São eles: Iolanda Xavier, 66, dona de casa do interior de Minas Gerais, mãe de um casal de filhos



surdos, Marli, 42, e Marcos, 32, sendo que o rapaz possui doença mental (Disritmia). O que é novidade nesse campo, pois raramente se vê uma história sobre a surdez contada pela perspectiva de uma mãe.

Iolanda mostra o quanto de amor e tolerância é necessário no combate aos preconceitos. As barreiras comunicacionais e a incompreensão podem afetar também, e até mais, os ouvintes que tem filhos, irmãos ou outros parentes surdos. Em alguns momentos Iolanda agradece pelo fato de o filho não ouvir certas agressões verbais e palavras intransigentes que ela escuta e absorve no lugar dele. À medida que esta história foi se remontando delinearam-se várias situações de preconceito, perda e barreiras comunicacionais.

Essa mãe luta há mais de 40 anos para entender os filhos e para que eles sejam entendidos pelos outros. Na época em que os criou não se falava em preconceito ou discriminação, como hoje, por isso foi ainda mais difícil conviver com a intolerância e os olhares curiosos dos ouvintes.

Às vezes, a incompreensão vem da própria família. O segundo personagem, Everaldo Pereira dos Santos, 51, que nasceu surdo, sabe bem o que é isso. Desde criança, enfrenta dificuldades comunicacionais em casa, já que seus pais não entendem a língua de sinais e sempre se mostraram contra a comunicação de sinais próprios ou caseiros (mímicas e gestos). Por meio de muita persistência ele superou essas barreiras, mas enfrenta outras tantas a frente de uma instituição para surdos.

Atualmente, Everaldo Santos é vice-presidente do Centro de Surdos da Bahia (Cesba), tem 51 anos, é casado com uma deficiente auditiva com quem teve um filho ouvinte – o que é natural entre casais de surdos - que está com 15 anos. Através da história de Everaldo é possível vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos surdos desde a infância até maturidade.

Em uma dessas passagens Everaldo lembra com tristeza de como foi seu primeiro contato oficial com as palavras. Mas antes é preciso esclarecer um grande equívoco em relação à surdez. A maioria das pessoas pensa que ser surdo acarreta em ser mudo, engano que resulta da falta de informação. O fato é que a surdez nada tem haver com as cordas vocais que, aliás, funcionam perfeitamente. A grande dificuldade, nesse caso, é a falta de intimidade entre surdo e a sonoridade das palavras, o que acaba por impedi-lo de pronunciá-las de forma clara. Por isso, às vezes, os sons proferidos por eles saem disformes e de difícil compreensão.



Everaldo afirma que antigamente as crianças eram obrigadas a falar sem auxílio dos gestos e seu fonoaudiólogo chegava usar objeto chamado palmatória¹¹ para dar palmadas em suas mãos a fim de inibi-lo de usá-las durante a conversação. Isso ainda assombra suas lembranças até hoje.

Curione (2004) aponta que é possível encontrar atitudes semelhantes no cenário atual da educação para surdos no Brasil, a oralidade ainda é imposta aos surdos. Por isso, defende o uso da Libras - como primeira língua dos surdos e aponta:

Os ouvintes têm bloqueado a aquisição da Língua de Sinais pelos Surdos, não permitindo que estes aprendam essa língua quando crianças e também não favorecendo um ambiente adequado para essa aquisição natural da Língua de Sinais. Ouvintes não têm bloqueio na sua aquisição de Língua, pois têm garantia para desenvolvê-la. (CURIONE, 2004, p. 04).

O terceiro personagem é um professor/intérprete de Libras de Cuiabá. Ele poderá esclarecer dúvidas sobre convivência entre surdos e ouvintes, relação em sociedade, espaço e no mercado de trabalho. Dessa forma, fecha-se um círculo que desenha o retrato da comunicação entre surdos a partir de situações e olhares distintos.

Neste capítulo, serão utilizados trabalhos de pesquisadores como Flora Davis (1979) que no livro *Comunicação não Verbal*, mostra a comunicação através de outros sentidos como tato, olfato, postura corporal, expressões faciais, mãos, entre outros. Ainda o pedagogo Alex Curione (2004), que escreve sobre a importância do surdo aprender Libras como primeira língua e outros estudiosos do assunto como Ana Paula Santana e Alexandre Bérghamo (2005); Mailce Mota (2008); Grolla (2009); Pízzio, Rezende e Muller de Quadros (2009); e Perlin (2008).

4 A COMUNICAÇÃO ALÉM DA ORALIDADE

Acredita-se que as crianças são capazes de se comunicar antes mesmo de vir ao mundo. Alguns especialistas creem que o bebê estabelece ligação com a mãe ainda no útero, na qual ela é capaz de perceber as variações de humor ou desconforto do filho. Ao nascerem, elas são capazes de reconhecer os pais, principalmente a mãe, pela voz e cheiro. Nas primeiras semanas, se comunicam através dos gestos, expressões faciais, gemidos e choro. Davis (1979, p. 59-61) denomina esse aspecto interativo de “comunicação não verbal”.

¹¹ Basicamente é uma tábua em formato redondo ou retangular, com cinco furos e cabo. Também chamado de ferrolho, o instrumento era muito utilizado antigamente nas escolas, como punição física aos alunos desobedientes.



Afirma que esta forma de comunicar vem antes do surgimento da oralidade, quando a comunicação não verbal era o único meio de que o homem dispunha. Ela garante ser possível enviar mensagens ao outro sem pronunciar nenhuma palavra, usando apenas expressões faciais.

Várias teorias¹² explicam o fenômeno da aquisição da linguagem pelas crianças. Porém, testes mostram que são poucas as que apresentam consistência e relevância. O quadro abaixo explica suas características e validade científica:

Teoria	Aspecto	Validade
Tentativa e erro	A criança aprende a língua através de tentativa e erro.	Facilmente derrubado pelo processo de repetição no qual os cientistas observaram que as crianças passavam sempre pelos mesmos estágios e cometiam os mesmos erros.
Imitação dos adultos	Acredita-se que o aprendizado acontece porque a criança imita a forma que os adultos falam.	Não tem muita validade, pois as crianças se expressam de maneira distinta e são capazes de produzir estruturas próprias, que nunca ouviram antes. Além do fato que ouvem um número limitado de palavras e frases, mas produzem uma infinidade delas.
Simplificação de linguagem pelo adulto, ou “maternês”.	Acredita-se que os adultos simplificam as frases e usam entonação de voz diferente quando falam com crianças.	Pesquisas provaram que crianças que não têm contato com o “maternês” apresentam desenvolvimento semelhante às que crescem em ambiente onde os adultos usam a linguagem. Isso demonstra que essa não é a forma pela qual aprendem a falar.
Correção dos adultos	Essa teoria propõe que as crianças aprendem a linguagem porque são corrigidas pelos adultos quando falam errado.	Desconsiderado quando se constatou que a forma que os pais corrigem as crianças prioriza o conteúdo do que dizem e não a gramática. Foi também comprovado que as crianças resistem às correções.
Inatista	Baseada nas ideias de Noam Chomsky ¹³ que defendem um conhecimento linguístico inato.	Essa teoria seria capaz de explicar a forma como as crianças são capazes de criar uma linguagem própria a partir da língua materna com a qual convivem.
Princípios e Parâmetros	Propõe a existência de um estado inicial, comum a todas as crianças. É a Gramática Universal (GU), constituída por dois tipos de princípios abstratos: os rígidos, que são invariáveis e os abertos, chamados de parâmetros. Os primeiros simulam as propriedades e as operações que estão presentes nas gramáticas de todas as línguas naturais, e os últimos, opções de escolha, cujo valor deve ser fixado para cada língua durante o processo de aquisição a partir da língua que serviu de input ¹⁴ para a criança.	A TPP fortalece a Teoria Inativa, pois constitui que uma boa parte da noção gramatical é inata e os princípios não são aprendidos e sim amadurecidos. Os parâmetros também já estão conjecturados, precisando apenas ser fixados a partir da experiência dos pequenos com os elementos linguísticos primários. Nessa teoria (TPP) é comprovado que, juntamente com a GU, há um programa maturacional que determina o que a criança fará em determinados períodos.

Quadro 2: Aquisição da linguagem pelas crianças

Fonte: Grolla (2009)

¹² As teorias e conceitos são expostos por Elaine Grolla (2009) no artigo “Aquisição da Linguagem”.

¹³ Professor no Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos. As ideias sobre a teoria inatista são expostas no livro *Aspects of the Theory of Syntax*, de 1965.

¹⁴ Língua que serviu de base, a língua materna.



De acordo com Grolla (2009, p. 16) a criança só precisa ser exposta a qualquer tipo de língua para aprendê-la. A autora dedica maior atenção a “teoria inatista” e afirma ser possível que o indivíduo já nasça com vários aspectos das línguas humanas, geneticamente determinados, e não precisa que isso seja ensinado. Ela explica:

O conhecimento linguístico inato com o qual as crianças nascem é chamado de “Dispositivo de Aquisição de Linguagem - DAL”, (em inglês, “*Language Acquisition Device*”, ou LAD). O DAL inclui princípios que são comuns a todas as línguas humanas. Tais princípios são chamados de Gramática Universal (GU). Em outras palavras, a GU é caracterizada como a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie. Uma vez que tais princípios são inatos, eles não têm que ser aprendidos. A GU se desenvolve na criança como um órgão biológico. (GROLLA, 2009, p. 22).

Independentemente das explicações, controvérsias e novos dados, intrínsecos as teorias científicas, é possível perceber no dia a dia várias maneiras de comunicação não verbal: uma piscadela; o sorriso e seus inúmeros significados; levantar a sobrancelha ou os ombros para demonstrar dúvida ou espanto; jogar beijo; levar o dedo indicador à boca, para pedir silêncio, entre outros. Todos esses gestos falam, e às vezes gritam, sem verbalizar. Basta manter a sensibilidade sensorial ativa para notar a diversidade do universo comunicacional ao redor. Nessa infinidade de línguas e linguagens o que se diz por meio das mãos é um capítulo a parte, pois elas são tão eficazes no ato de comunicar que possuem um dialeto e gramática própria: a Libras, língua oficial dos surdos no Brasil e 2ª Língua oficial do país (de acordo com a Lei 10.436/2002).

4.1 O QUE É SER SURDO?

Quando se faz a pergunta, parece que a resposta é espontânea e óbvia: surdo é o sujeito que não ouve. A definição encontrada no dicionário Soares Amora (2008, p. 701) reforça esse conceito: “adj. 1. Que não ouve ou que ouve muito pouco”. Realmente, essa é a explicação universal para o termo técnico. Mas será que isso engloba todo o significado da palavra e explica quem é o sujeito surdo, como ele vive e sente essa surdez? Algumas pessoas nascem com a deficiência, outras adquirem depois de adultas. No primeiro caso, é preciso contar com a sensibilidade da família em se adequar ao fato e facilitar a adaptação do surdo ao meio social que vive. De acordo com Rinaldi (1997, p. 13), pelo menos uma em cada mil crianças nasce profundamente surda. No segundo, há um conflito maior, já que a audição foi perdida,

aos poucos ou abruptamente, dependendo do tipo de surdez e a maneira que foi adquirida. Em ambos os episódios, o processo é complicado e trabalhoso, mas algumas variações da deficiência são reversíveis completa ou parcialmente.

Para entender o processo é necessário explicar que o ouvido humano é dividido em três partes, cada uma com função distinta¹⁵: O ouvido externo, que serve para coletar o som e levar, por um canal, ao ouvido médio. O ouvido médio, que por sua vez transforma a energia de uma onda sonora em vibrações internas da estrutura óssea do ouvido médio para, enfim, converter estas vibrações em uma onda de compressão ao ouvido interno. E, finalmente, o ouvido interno transforma a onda de compressão em impulsos nervosos que podem ser transmitidos ao cérebro. Rinaldi (1997) explica:

Os três ossos do ouvido médio são os menores do corpo. Devido ao seu formato, chamam-se: martelo, bigorna e estribo. Eles estão interligados de maneira que as vibrações de um osso provocam vibrações no próximo osso da cadeia, levando as ondas sonoras até o ouvido interno, onde são transformadas em impulsos elétricos, que chegam ao cérebro através do nervo auditivo. [...] As vibrações que as ondas sonoras causam no ar são convertidas em sinais elétricos na cóclea¹⁶ do ouvido interno, onde penetram por uma membrana chamada janela oval e passam para um canal cheio de líquido. Tudo isso tem mais ou menos o tamanho do dedo mindinho e o formato de um caracol. O canal contém membranas com milhares de terminações nervosas parecidas com cílios. É o chamado órgão de Corti. As vibrações movimentam o líquido, que mexe os cílios e faz os nervos dispararem sinais elétricos. Esses sinais são transmitidos ao cérebro por meio do nervo auditivo. Vibrações mais fortes criam sons mais intensos. (RINALDI, 1997, p. 11, 12).

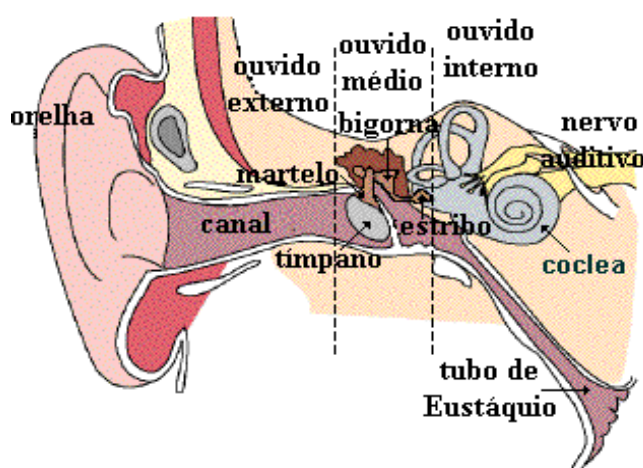


Fig. 2: Parte interna do aparelho auditivo

¹⁵ Informações e imagem retiradas do texto “O ouvido humano” de Bertulani, para o site da Universidade do Rio de Janeiro.

¹⁶ Órgão do ouvido humano, em forma de caracol, que é responsável por converter sons em ondas elétricas, que são interpretadas pelo cérebro.



Qualquer lesão ou irregularidade em um desses três ouvidos afeta diretamente a capacidade auditiva. Muitas pessoas desenvolvem problemas auditivos ao longo da vida, por causa de acidentes ou doenças. Tecnicamente a surdez é classificada em leve, moderada, severa e profunda, podendo ser condutiva ou condutiva-perceptiva, que afeta o ouvido externo ou médio; neurossensorial ou sensorio-neural, envolve o ouvido interno ou o nervo auditivo; e mista, quando o problema se localiza no ouvido médio e interno.

Por mais que se fale em aceitar os surdos como são, há sempre quem queira curá-los. A boa notícia é que alguns tipos da surdez são reversíveis, outros, a depender do grau, podem ser amenizados por meio de aparelhos auditivos. Porém, há sempre aquela versão da deficiência auditiva que é permanente. Nesse caso, a sensorio-neural, ou neurossensorial. De acordo com Rinaldi (1997, p. 14) “É impossível curar a surdez neurossensorial do ouvido interno. Entretanto, os adultos ou idosos e, às vezes, até as crianças podem fazer implante de eletrodos na cóclea.”.

Os tipos mais leves e reversíveis da surdez são os que configuram a perda da capacidade auditiva por condução ou transmissão, forma condutiva (no ouvido externo ou médio). Essas podem ser tratadas com medicamentos, podendo haver necessidade de cirurgias para fechar perfurações nos tímpanos, drenagens e substituição do estribo por outro artificial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exemplo de títulos como Hiroshima (Hersey, 2002), A Sangue Frio (Capote, 2003), e dos brasileiros: Falcão, Meninos do tráfico (Athayde e MV Bill, 2006) e Carandiru (Varella, 1999) mostra que é possível obter no livro reportagem e no jornalismo literário a oportunidade de realizar um trabalho mais minucioso e gratificante.

A comunicação entre surdos é uma viagem que compensa ser feita, pois é pouco explorado e a novidade são personagens e situações vividas pelos atores da pesquisa. São pontos de vista distintos que abrangem boa parte da comunicação e tudo que ela acarreta.

O trabalho, ainda em fase de revisão de literatura, apuração das histórias e delineamento metodológico espera apontar os ruídos na comunicação entre os atores envolvidos (surdos e ouvintes). Avaliar o preconceito velado ou declarado, de que os ouvintes são seres mais aptos e mais completos no ato de comunicar.

O livro-reportagem pode ajudar a construir essa ponte entre sociedade e surdos. Não será possível abraçar todas as peculiaridades sobre a surdez e Libras aqui. Serão necessárias novas entrevistas com os personagens, documentação comprobatória (fotos, vídeos e outros),



apuração e atualização dos fatos. Essas tarefas incluem realização de viagens para Salvador, onde mora Everaldo Santos e Minas Gerais, casa de Iolanda Fonseca. Em suma, é esperado ao final da pesquisa contribuir para diminuição do preconceito e difundir Libras como língua materna. Além de abolir a ideia de que todo surdo é mudo e incapaz.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. -18ª ed.- São Paulo: Saraiva, 2008.

BELO, Eduardo. *Livro Reportagem*. São Paulo: Contexto, 2006.

BERLO, David Kenneth. *O Processo da Comunicação: introdução a teoria e a prática*. 10ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERTULANI, Carlos A. *O ouvido humano*. Texto preparado para o projeto de Ensino de Física a Distância. Disponível em <<http://www.if.ufrj.br/teaching/fis2/ondas2/ouvido/ouvido.html>> consulta feita em 29 de abril de 2011.

BONINI, Adair. *Os gêneros do Jornal: questão de pesquisa e ensino*. In: KARVOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz e SIEBENEICHER, Karim Brito (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BUCCI, Eugênio. *O Tolo interativo*. Observatório da Imprensa. <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp2410200199.htm>> (copyright Folha de São Paulo – 21/10/2001). Acesso em 22 de fev. de 2011.

CAMPOS, Pedro Celso. *Técnicas de entrevista*. Observatório da Imprensa, 2002. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da240420024.htm>> Acesso em 21 de fev. 2011.

CAPOTTE, Truman. *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Ateliê, 2003.

CURIONE, Alex . Aquisição da Língua de Sinais como Primeira Língua: Direito dos Surdos. FENEIS, 2004. Disponível em <[DAVIS, Flora. *A Comunicação Não-Verbal*. São Paulo: Summus, 1979.](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:jyUPZql3czEJ:www.fonojp.hpgvip.ig.com.br/libras/lib06.pdf+Alex+Curione+%2B+aquisi%C3%A7%C3%A3o+da+Libras+como+primeira+lingua+direito+dos+surdos&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESiE_JDY4zNw7p2JKTSt3NLIXEWThZfoitswH88sj7Xu7QE2BbiQhAi5_JKLLUgHOXAohBTdoxxw3BPPjOI3gbmnqiR0BsUP2ND3aha6N6ajXxtBJm5511D9zbWs8YIK-A-hAile&sig=AHIEtbTt0zXx_foMMnFY18Fz8sQRKYpqcg_> Acesso em 10 de abril de 2011.</p></div><div data-bbox=)



GRAMACHO, Derval. *Qualidade, conteúdo e desempoderamento*. In: GRAMACHO, Derval (org.). COMUNICAÇÃO e CULTURA. São Paulo: Scortecci, 2009. PP. 11-38.

GROLLA, Elaine. *Aquisição da Linguagem*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JUNIOR, Arnaldo Nogueira. *Resumo Biográfico e Bibliográfico de Machado de Assis*.

Projeto Releituras, 1996. Disponível em <http://www.releituras.com/machadodeassis_bio.asp> acesso em 10 de abril de 2011.

MAGNO, Ana Beatriz. *A Agonia da Reportagem*. Universidade de Brasília: 2006.

Disponível em <http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/39/TDE-2007-06-05T111017Z-1203/Publico/reservavaledissertacaoovalepd.pdf> acesso em 22 fev. 2011.

ORWEL, George. *Os Brookers*. In: LEWIS, Jon E. (org.). O Grande Livro do Jornalismo. Rio de Janeiro: José Olympio Ltda, 2003. PP. 143-150.

PENA, Felipe. *O jornalismo Literário como gênero e conceito*. PDF Felipe Pena, 2005. Disponível em <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>> Acesso em 24 de fev. de 2011.

PESSA, Bruno Ravanelli. *Livro-Reportagem: origens,*

conceitos e aplicações. Para apresentação do Regiocom 2009 na *Universidade Metodista de São Paulo*. Disponível em

<http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20é_%20para%20quê%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf> acesso em 10 de abril de 2011.

- *Aproximações entre Jornalismo Literário e Imprensa Alternativa*. São Paulo: Para o 6º Interprogramas de Mestrado – Faculdade Cásper Líbero, novembro de 2010.

SANTANA, Ana Paula; BÉRGAMO, Alexandre. *Cultura e identidade surdas:*

Encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.

Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em 10 de abril de 2011.

SCHMITT, M.D. *Traumatismos por Fórceps ou no Canal do Parto*. Copyright 1999 Clinical Reference Systems. Disponível em

<<http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=3605&ReturnCatID=1780>> acesso em 29 de abril de 2011.

VARELLA, Dráuzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- *Meningite, Sarampo, Rubéola*. Site oficial: Entrevistas e artigos. Disponível em <<http://www.drauziovarella.com.br/>> acesso em 01 de maio de 2011.